

ROTAS DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

ROTA DA COVILHÃ – CIDADE FÁBRICA

Sob o epíteto de Covilhã – cidade fábrica propõe-se a realização de três percursos urbanos, circulares e complementares entre si, que têm como polo aglutinador o Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior. Esta rota pretende revisitar os espaços mais significativos da indústria de lanifícios da cidade da Covilhã, dando a conhecer, não só os espaços musealizados centrados na salvaguarda dos testemunhos industriais, como o núcleo museológico da Real Fábrica de Panos, manufatura de Estado instituída em 1764, pelo Marquês de Pombal, e a Real Fábrica Veiga, datada de 1784, que integram o Museu de Lanifícios, como observar um vasto património industrial disseminado pela cidade, abarcando edifícios fabris, estendedouros e râmolas de sol, chaminés, maquinismos, palacetes, bairros operários e outras infraestruturas de apoio a esta atividade.

Itinerário 1 – Percurso da Ribeira da Goldra

O percurso tem início no edifício da antiga firma de José Mendes Veiga (Real Fábrica Veiga), que é atualmente a sede do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior. O complexo da Real Fábrica Veiga é constituído por três imóveis em cantaria de granito, situados junto à Ribeira da Goldra. Foi a sede de uma empresa de lanifícios histórica, fundada em 1784, por José Mendes Veiga, a partir de uma oficina de tinturaria. A sua instalação neste local, a partir de 1764, deveu-se à influência da intervenção pombalina realizada na Real Fábrica de Panos, tendo-se mantido em atividade desde finais do séc. XVIII a inícios do séc. XX. A primitiva edificação foi alvo de sucessivas ampliações até 1834, por ação deste industrial cristão-novo, quando se constituiu como fábrica completa. No seu período de apogeu (1835 a 1891), esta empresa abrangeu cerca de duas dezenas de unidades fabris, assim como diversas escolas de fição disseminadas predominantemente pelos concelhos da Covilhã e do Fundão. De 1916 até à década de noventa do séc. XX, alojaram-se aqui outras firmas com atividades distintas, mas sempre do subsector dos lanifícios.

Entre 2000 e 2004, após a aquisição do imóvel pela Universidade da Beira Interior, foi realizada uma intervenção de recuperação e valorização arquitetónica, com a finalidade de o transformar em Centro de Interpretação dos Lanifícios. O complexo, com uma área bruta de cerca de 12.000 m², acolhe a Sede do Museu, o Núcleo Museológico da Industrialização dos Lanifícios e o Centro de Documentação/Arquivo-Histórico.

Este núcleo do Museu possui uma significativa coleção de bens que representa a evolução tecnológica ocorrida no sector têxtil/lanifícios nos séculos XIX e XX. Foi constituída a partir do espólio proveniente de empresas têxteis extintas, tanto na cidade e concelho da Covilhã como noutros polos industriais da região da Serra da Estrela, assim como de doações de empresários, técnicos e operários têxteis. A exposição permanente do Núcleo da Industrialização apresenta máquinas, equipamentos e utensílios, documentos, matérias-primas e produtos têxteis representativos das mais importantes operações da indústria de lanifícios, integrados nas secções de preparação, fição, tecelagem e ultimação, evidenciando-se a sua evolução tecnológica. Aborda-se ainda a temática das fontes de energia, de que se

salienta a roda hidráulica e a máquina a vapor. No seu interior, preservam-se ainda as estruturas das caldeiras de vapor datadas do século XIX.

Na parte superior do caminho do Biribau, localiza-se o edifício fabril que integrou também o complexo industrial de José Mendes Veiga e que, no século XX, pertenceu a vários industriais, dos quais se salientam João Bernardo Gíria e Francisco Gomes Moço. Na fachada ainda é possível observar o nicho onde se encontrava a sineta que tinha por função regular os horários de laboração fabril.

Encontramo-nos na Universidade da Beira Interior (Polo I) que, ao longo do tempo, tem adquirido e reconvertido um conjunto significativo de espaços emblemáticos do património industrial da cidade da Covilhã, junto à Ribeira da Goldra. Esta, no século XIX, era designada por Ribeira dos Pisões, pela existência de numerosos equipamentos de apisoamento de tecidos ao longo das suas margens.

A Real Fábrica de Panos, situada à direita, alcandorada em muro de alvenaria de granito, apresenta um carácter monumental, de estilo pombalino, patente ainda no brasão de D. José I, inscrito na fachada do alçado principal. Neste edifício funcionou uma manufatura de Estado, destinada à produção e tingimento dos panos para os fardamentos do exército português. Esta área, classificada como Imóvel de Interesse Público, aloja o Núcleo do Museu de Lanifícios dedicado à fase da protoindustrialização laneira, integrando um conjunto de 10 fornalhas, com as respetivas chaminés embutidas, onde assentavam as caldeiras de metal, em cobre e estanho, e de oitos poços cilíndricos para assentamento de dornas de madeira.

Junto à ribeira, situa-se igualmente a antiga fábrica completa de Sebastião da Costa Rato & Sobrinhos, edifício atualmente reconvertido pela UBI, distinguindo-se pela imponência da sua chaminé nobre. Num dos portões de ferro de acesso à antiga fábrica, datada do século XVIII, podem observar-se as iniciais “SCR&S”, alusivas à designação da firma. Frente a este edifício, laborou, no século XIX, o complexo de Francisco Roque da Costa Júnior que, tendo sido edificado sobre pré-existências de construções que integraram a Real Fábrica Veiga, no seu período de apogeu, sofreu profundas alterações. Neste conjunto funcionou uma fábrica de mungos, lavandaria, tinturaria e fabrico de tapetes.

Logo adiante, subindo as escadas contíguas à Ponte do Rato que acedem à rotunda com o mesmo nome, pode observar-se o painel de azulejos da autoria de Pedro Chorão, em homenagem ao trabalho da lã.

Nesta área, atualmente ocupada por empresas de restauração, laboraram, a partir do século XIX, as firmas de João Mendes Alçada, João Pereira Presunto e a Ultimação Gomes, com secções de tecelagem, tinturaria e ultimação.

Seguindo em direção à Igreja de Nossa Senhora de Fátima pelo início da Rua Marquês d’Ávila e Bolama. Do lado oposto à Real Fábrica de Panos encontra-se um edifício pertencente ao complexo que constituiu a Fábrica Real de Simão Pereira da Silva onde, no século XVIII, foram introduzidos os primeiros engenhos de fiação, inovações decorrentes da revolução industrial. Em 1803, este complexo tinha ao seu serviço 119 trabalhadores.

O percurso segue pela Rua Conselheiro Joaquim Pessoa, em subida relativamente acentuada. O primeiro complexo fabril a ser observado, do lado esquerdo da estrada albergou, nas suas instalações, as empresas Leitão & Quintella/ Francisco Mendes Alçada (Ultimação Estrela) que desenvolviam, desde o século XIX, atividades de tecelagem, ultimação e tinturaria. Do lado

direito, encontra-se, a tecelagem de José Paulo de Oliveira Júnior, constituída por dois edifícios construídos em 1938/39, e que atualmente pertencem à Universidade da Beira Interior. Esta empresa encontra-se na origem do maior grupo empresarial de lanifícios do país, de referência internacional, com um volume de produção atualmente estimado em cerca de 20 000 000 m². Também propriedade da Universidade da Beira Interior, o edifício contíguo, datado de 1937, integrou a tecelagem da firma de Manuel Maria Antunes Júnior. Este conjunto, de traços modernistas, tem um portão com a linguagem característica dos portões industriais covilhanenses dos inícios do século XX. No tardoz destes imóveis, localizava-se um conjunto de râmolas de sol que serviam algumas das empresas próximas da ribeira da Goldra.

No início da Calçada Fonte do Lameiro impõe-se o emblemático complexo que, entre 1920 e 1994, foi ocupado pela Empresa Transformadora de Lãs, Lda (ETL) firma especializada, a nível nacional, na produção de fios cardados e penteados. Esta edificação, que obedecia ao sistema tradicional, caracterizou-se pela elevada qualidade dos materiais e pelo distinto sentido estético, com destaque para a fachada, rematada com figuras mitológicas e para o hall de entrada com um belo painel de azulejos com motivos alusivos ao trabalho da lã e à região. O portão de acesso possui a inscrição de 1920, datando o ano da sua construção. Atualmente, é propriedade da Universidade da Beira Interior, que realizou uma profunda intervenção de remodelação do complexo para nele instalar a Faculdade de Engenharia.

Continuando a subir a calçada, encontramos, do lado direito do troço final da rua, um edifício de 3 pisos, datado do ano de 1939, que evidencia já um sistema de construção moderna. Este imóvel, atualmente encerrado, foi ocupado pela empresa de preparação de fios de José Lages.

Se o turista olhar em redor ficará com a sensação de que “escalou meia encosta” da cidade. Aproveite-se então para observar os conjuntos fabris que se foram alojando ao longo das margens da ribeira da Goldra. Depois de recuperar forças, retome-se o caminho, à esquerda, pela Rua Marquês de Pombal. Poucos metros adiante, destaca-se do casario um edifício fabril de fenestração ritmada, que terá sido construído por uma importante empresa covilhanense do século XIX, a Companhia Nacional de Lanifícios, para instalação dos seus escritórios, onde, mais tarde, laborou a tecelagem de António Pereira Nina & Filho. Mais à frente, o turista irá visitar um dos mais característicos bairros operários da Covilhã, o Bairro da Alegria, mandado construir pelo industrial José Manuel Catalão, na década de 40 do século XX, a que se acede pela Travessa do Marquês de Pombal. Alojado em topografia irregular, de fortes declives, o bairro desenvolve-se ao longo de 8 ruas paralelas, cada uma delas com 6 a 8 pequenas moradias. São habitações exíguas, desprovidas de elementos decorativos, constituídas por módulos de 1 piso, com 1 porta e 1 janela. Os seus habitantes, maioritariamente idosos, podem ainda contar as suas estórias de vida operárias e testemunhar sobre o ambiente industrial do passado recente covilhanense.

Depois de visitar o bairro operário, descendo pelo mesmo trajeto e, voltando para a direita, depare-se com um importante complexo industrial da fábrica António Pereira Nina Júnior & Filhos, Lda, ainda hoje a laborar sob a firma Alçada & Pereira, especializado nos processos de tinturaria e acabamento. Antes de visitar a fábrica, suba, à direita, pela Rua do Pisão Novo, toponímia sugestiva, que reporta à construção no século XVIII de um destes equipamentos. Deparamos, à direita, com o edifício que pertenceu à firma Simão da Cruz Fazenda & Filhos, que integra a pré-existência do Engenho do Craveiro, propriedade adquirida ao grande industrial cristão-novo do século XIX António Pessoa d'Amorim, contratador da Real Fábrica de Panos, a partir de 1820. Este complexo dedicava-se à fiação, cardação e tecelagem. Logo em frente, encontra-se um edifício em ruína, que terá dado origem ao topónimo, uma vez que

constituiu o Pisão Novo, onde laborou, a partir de 1840, a histórica fábrica de Valério Gomes Correia & Irmão, tendo sido posteriormente propriedade da Companhia Nacional de Lanifícios e, durante a primeira metade do século XX, ocupado por Francisco Fino. Este complexo possuía râmolas, estendedouros e levadas para condução da água, tendo sofrido, no segundo quartel do século XX, um violento incêndio que o destruiu. A Rua dá ainda acesso a um outro conjunto do século XVIII, constituído por 3 edifícios de produção e 2 casas de habitação. Trata-se de um conjunto pertencente a António Pessoa d'Amorim, no qual laborou., até 1972/73, a firma Simão da Cruz Fazenda & Filhos.

De regresso, siga-se o mesmo trajeto até chegar novamente ao início da Rua do Pisão Novo, parando apenas para contemplar a paisagem que a altitude dos 700 metros disponibiliza: o perfil do vale da Goldra e as chaminés nobre da indústria que nele se levantaram; a extensão dos terrenos férteis e aplanados da Cova da Beira; e o conjunto de serranias a limitar o horizonte para nascente. Siga para a direita em direção à fábrica Alçada & Pereira, que, no século XIX, integrou também o complexo industrial de Valério Gomes Correia e, em 1875, foi adquirido a Francisco Nunes Marques de Paiva pela Companhia Nacional de Lanifícios. Apesar da grande intervenção e ampliação realizada na década de 60 e 70 do século XX, perduram ainda vestígios de duas pré-existências do primitivo complexo, o Engenho do Barreto e a Casa do Sabão. De acordo com o inquérito industrial de 1881, a firma de Francisco Nunes Marques de Paiva terá sido a primeira firma covilhanense a possuir o vapor como força motriz, provavelmente localizada neste espaço. Repare-se que, a fábrica foi edificada sobre a linha de água da Goldra, que constitui um condicionalismo fundamental para o desenvolvimento da indústria de lanifícios na Covilhã.

Já na margem direita da Goldra, existe um caminho que dá acesso à fábrica de tinturaria que se encontra a laborar sob o nome de P.L.V. Serviços, L.da e que foi, no século XIX, a firma de António Barbas da Torre e, posteriormente, de Domingos Megre e Irmão, destinada à cardação, fição, tecelagem e tinturaria de tecidos. Esta compunha-se de 3 edifícios, com um sistema de construção tradicional e misto, evidenciando, um deles, telhado em lanternim, típico dos espaços tintureiros. Possuía ainda roda hidráulica, mina, tanque e um sistema de levadas de condução de água.

Seguimos, em descida acentuada, pela Calçada da Fonte Santa, paralela à ribeira, onde iremos encontrar um reduto de tranquilidade, a que se deu o nome de Fonte Santa, abrigado por frondosos pinheiros-bravo que convidam a um momento de descanso. Ao fundo da rua, do lado direito, situa-se o conjunto da Tinturaria Alçada que, em 1946, sofreu alterações, nomeadamente, a edificação de uma cobertura em lanternim para o desenvolvimento da tinturaria. Observe-se a chaminé-nobre que, apesar de já não apresentar a altura original, mantém imponência e bom estado de conservação. Em frente, deparamos com um outro edifício, intervencionado no âmbito do Programa Polis, onde se encontra instalada, in situ, uma máquina a vapor, pertença do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior. Este edifício foi adquirido pela Câmara Municipal da Covilhã para preservar esta caldeira e instalar, no espaço, um núcleo museológico. Esta empresa estava associada ao complexo fabril designado de Francisco Mendes Alçada, de que fazia parte um conjunto de 5 habitações onde ainda residem operários da antiga empresa. Na contiguidade deste espaço, um outro edifício fabril, traduz a tipologia das oficinas de tecelagem comuns da Covilhã, caracterizadas por amplos vãos e fenestração ritmada, como é o caso da antiga tecelagem de António Fernandes Fino.

Localizado junto à ribeira, destaca-se uma construção mais antiga, provavelmente do século XVIII, designado por Tinte Velho. De seguida, descendo as escadas que conduzem ao Rossio do Rato, deparamos com um espaço ajardinado, com espelhos de água e área de restauração. Para terminar o percurso e regressar novamente à Real Fábrica Veiga, pode-se passar por baixo da rotunda e admirar de forma a admirar a força das águas correntes no lago artificial, bem como a obra de engenharia moderna que homenageia o passado laborioso da cidade e das suas gentes.